

A IMAGINAÇÃO EDUCADA, DE NORTHROP FRYE¹

THE EDUCATED IMAGINATION, BY NORTHROP FRYE

DOI: 10.19177/memorare.v7e12020239-242

André Luiz Silveira da Silva²
Geam Karlo-Gomes³

Resumo: Em virtude da grandeza e atualidade do tema, *A Imaginação educada* recebeu tradução em língua portuguesa em 2017. Essa obra, constituída pela transcrição de seis palestras de 30 minutos ministradas pelo crítico literário Northrop Frye, discute questões como: O que é a literatura? Para que e como ensiná-la? Qual o lugar da imaginação? Para que ela serve? É possível e necessário educá-la? Nesse texto, Frye nos oferece pistas para ampliar nossa percepção sobre o ensino de literatura e a pedagogia do imaginário.

Palavras-chave: Literatura. Imaginação. Pedagogia do imaginário.

Abstract: As result of the greatness and timeliness of the subject, *The Imagination Educated* received a Portuguese translation in 2017. This work, that consisting of the transcription of six 30-minute lectures given by literary critic Northrop Frye, discusses questions such as: What is Literature? For what and how to teach it? What is the place of the imagination? What is it for? Is it possible and necessary to educate it? In this text, Frye offers us clues to expand our perception of literature teaching and the pedagogy of the imaginary.

Keywords: Literature. Imagination. Pedagogy of the imaginary.

Educar ou não a imaginação? Essa é uma das principais questões suscitadas por Herman Northrop Frye, crítico literário canadense de Québec, em *A imaginação educada*, obra que recebeu sua primeira tradução em português em 2017 por Adriel Teixeira, Bruno Gerardini e Cristiano Gomes.

Em seis capítulos, resultantes da transcrição de seis palestras originárias de um programa de rádio canadense na década de 1960, *A imaginação educada* se torna fortuna crítica para pensar o papel da literatura e da imaginação. Em seu escopo, desenvolve-se o olhar para a importância, papel, função e lugar da literatura e da imaginação na sociedade e na formação do ser humano crítico. E aponta ainda caminhos para uma educação da imaginação e formação crítica do leitor em tempos de popularização da educação.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Graduado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade de Pernambuco, UPE, Brasil. E-mail: andrelzss15@gmail.com.

³ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPPI), da Universidade de Pernambuco. Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário. E-mail: geamk.upe@gmail.com.

Por meio de referências, metáforas e paráfrases, o autor busca construir sua tese: o mito e as imagens literárias dão forma, desde sua gênese, a todas as estruturas construídas por meio de palavras. Para isso, Frye recorre sempre às grandes obras de consagrados poetas e romancistas e enfatiza a relevância do domínio da língua materna para a efetiva interação e troca de saberes. Tal pensamento se aproxima da tópica da pedagogia do imaginário, onde a imaginação mitológica é concebida como o “poder de desenvolver uma representação na qual o homem, os deuses, o cosmos e a natureza se imbricam numa trama de sentido”, visto que ela é “a capacidade, irredutível a qualquer outra, do *homo symbolicus* estar no mundo num registro de demiurgia e de canto [...] onde se perfila, se manifesta, se ultrapassa e se lê a nossa infinita e diversa realidade” (DUBORGEL, 1995, p.296).

Por meio dessa perspectiva, Frye desenvolve um método crítico de análise de obras literárias que se assemelha a uma investigação comparada destas produções; a ponto de revelar narrativas inspiradas na Bíblia e em obras clássicas ocidentais. Para ele, essas narrativas remontam o imaginário cultural das sociedades primitivas: “a literatura ainda tem algo mais a oferecer, uma peculiaridade muito sua, tão absurda e impossível quanto a magia primitiva que ela tanto lembra” (FRYE, 2017, p.69). Por isso, esse crítico se engaja em defesa do estudo da literatura, do ato de ler, falar e escrever, bem como, da educação da imaginação como forma de autoproteção do indivíduo e resistência às ilusões e “histerias” da cultura de massa; educação que servirá para manutenção do homem na sociedade livre e que pode se tornar base para (re) formular as críticas frente às relações sociais e reações emocionais.

Nos primeiros capítulos, o autor nos apresenta a função social da literatura, defendendo que ela serve para mediar o mundo não humano e a nossa necessidade de humanizá-lo: dar nome às coisas, nos expressarmos, criarmos vínculos, formar um lar. A literatura se faz presente no “jogo” entre intelecto e emoção, na relação entre o mundo em que vivemos e o mundo que desejamos viver. Ela surge então como meio de expressão para os sentimentos que não conseguimos demonstrar somente com ações, selecionando gostos baseados em nossos projetos e pulsões. Para o autor, “a literatura nos dá uma experiência que nos estende verticalmente até as grandes alturas e as grandes profundezas do que a mente humana é capaz de conceber; até aquilo que corresponde aos conceitos religiosos de Céu e Inferno” (FRYE, 2017, p.89).

Em capítulo posterior, o autor ainda distingue ciência e arte, explicando que a primeira surge do mundo, na maneira como ela se manifesta, enquanto a segunda se constitui de um mundo que queremos ter e explicar. A ciência cria uma construção mental por meio de um esquema que nos possibilita interpretar a experiência vivida. Já a arte, parte do mundo que construímos e não do mundo que vemos, seguindo da imaginação à experiência comum, buscando se construir tão verossímil quanto possível. Nesse ponto, o autor trata da relação sujeito-objeto-conhecimento e o papel da

imaginação nessa construção, fundamental para relação e assimilação dos objetos socioculturais, palavras, sentimentos, esquemas e valores a eles atribuídos.

Em trechos de outra palestra, Frye comenta que há três linguagens que se interseccionam: a linguagem da conversa corriqueira, a linguagem do senso prático e a linguagem da imaginação. Ele ressalta que, por mais primitiva que seja a cultura, há nela uma linguagem, uma literatura. Para defender isso, o autor referenda constantemente o papel da imaginação como parte da tessitura essencial do ser humano. Para esse crítico, a imaginação não conseguiria operar em um mundo totalmente prático, pois haveria a necessidade de elaboração das imagens e sentimentos. Nesse sentido, uma maneira de expressá-los é a literatura tecida com a imaginação. Daí a necessidade e o motivo da metáfora, que é o desejo de associar e identificar. Nesse sentido, “embora conheçamos parte, somos também parte do que conhecemos. O desejo de voar produziu o avião, mas não entramos nos aviões para voar apenas, mas para chegar mais rápido ao destino” (FRYE, 2017, p.23). Essa afirmação conduz a seguinte reflexão: por meio da literatura, nós podemos apreender e criar, capacidades intrínsecas às nossas narrativas conscientes e inconscientes.

No todo, as percepções de Frye, diretas ou nas entrelinhas, são perspicazes. Como crítico literário, ressalta que o escritor imita muito a literatura a qual teve contato. Por isso, na criação poética, na imagística, o escritor absorve um aglomerado de mitos, o folclore e narrativas bíblicas, por meio de uma nova indumentária; podendo se manifestar em meio a diversos gêneros: tragédia, comédia, sátira, romance, entre muitos outros gêneros.

No que se refere ao tópico educacional constituinte do título da obra, o autor questiona o seguinte fato: realizamos sucessivas associações com experiências literárias, e nisso: “Que tipo de realidade está presente na literatura?” (FRYE, 2017, p.53). Ficção e realidade das personagens são imortalizadas por escritores, comenta Frye. No decorrer dessas incursões, ele conceitua imaginário, ficção, mito e discorda da visão distorcida que se propaga quanto ao conceito de irrealidade (como sinônimo de mentira), provido do senso comum. Segundo Frye, o escritor usa uma imagem ou objeto do mundo ao seu redor e o transforma em símbolo, assumindo influência no contexto social. É nesse panorama em que a formação de uma mente imaginativa bem treinada se torna essencial para não “cair” na facilidade e “preguiça” das culturas de massa, com jargões prontos e imagens pré-estabelecidas a serviços sociais de manutenção de um *status quo*.

No aparato para uma educação da imaginação, Frye defende que o incentivo à leitura da bíblia e as mitologias clássicas gregas deve ocorrer ainda na infância. Esse conjunto abarca praticamente todo o universo mítico e constructos sociais que ultrapassaram gerações e que são recontados sempre de novas maneiras. Nisso, o autor prossegue sugerindo uma estruturação de leituras e alerta que nada pode ser imperativo ou impositivo, apenas direcionado, respeitando os gostos e intenções de crianças e jovens.

Sobre a poesia, Frye nos diz que ela é um tipo de “chocalhinho” que desperta a imaginação humana. E ressalta a habilidade que deve ter o professor com a formação literária ampla para conduzir todo esse direcionamento. Essa dimensão também nos aproxima ainda mais de uma pedagogia do imaginário. Nesse sentido, como afirma Teixeira, é por meio da metáfora que o ser humano adentra num “processo pelo qual o imaginário conduz a nossa vida, atribuindo-lhe sentido”, muito próximo de “uma educação fática, uma educação da alma, uma educação da sensibilidade” (TEIXEIRA, 2006, p. 224).

Nos últimos capítulos surgem diversos questionamentos sobre a sociedade e a cultura. Para isso, Frye alerta o leitor com relação às traduções e a provável perda dos reais sentidos e significados das palavras. Ele acredita que a leitura na língua original e o estudo de outros idiomas são extremamente benéficos aos escritores, consumidores e críticos, pois, por meio deles, entramos em contato com outras estruturas gramaticais, construções e associações imagéticas das culturas escolhidas. O que também pode conduzir para uma nova forma de construção e reconstrução do conhecimento, que deverá extrapolar a visão fragmentada disciplinar do conhecimento.

No conjunto, *A imaginação Educada* não responde a todas as questões que se propõe, mas busca despertar o leitor para muitas indagações sobre a imaginação por meio da literatura. Ainda que concebida décadas atrás e voltada ao público de língua franco-anglófona, a obra ultrapassa tempo e espaço e se faz atual e pertinente, abrindo “portas” para uma infinidade de mundos e possibilidades; suscitando questionamentos sobre nossa condição de seres sociais, responsáveis por construir o conhecimento a ser perpetuado. Propositamente, Frye nos alerta para a crítica do mundo, a fim de que nos posicionemos com liberdade de pensamentos; e que essa formação contribua para a construção de uma nova sociedade, pronta para substituir esta que se apresenta carente de “cura” de suas mazelas, num processo de “evolução” enquanto ser humano.

REFERÊNCIAS

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Brasil: Instituto Piaget, 1995.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Trad. Adriel Teixeira, Bruno Geraidini e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 9, n.2, p. 215-227, 2006. Disponível:<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1461>. Acesso em 19. maio. 2019.

Submetido em: 19/06/2019. Aprovado em: 03/04/2020.